



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Gobitta, Mônica; Guzzo Souza Lobo, Raquel
Estudo Inicial do Inventário de Auto-Estima (SEI) Forma A
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815116>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Estudo Inicial do Inventário de Auto-Estima (SEI) –

Mônica Gobitta ^{1 2 3}

Raquel Souza Lobo Guzzo

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo

No presente estudo buscou-se investigar os índices de precisão do Inventário de Auto-Estima (SEI)-Forma A considerando-se as variáveis: gênero e faixa etária nas dimensões estudadas. Participantes deste estudo 142 crianças e adolescentes de dez a 18 anos. Os resultados referentes ao Inventário mostraram índices satisfatórios quando considerados os resultados da pontuação geral, o mesmo ocorreu com a correlação item-total foi submetida às dimensões estudadas. Com relação aos resultados descritivos do estudo, estes apresentaram pequenas diferenças entre as variáveis pesquisadas. Estes resultados levaram à discussão da adaptação transcultural de instrumentos de avaliação e as conclusões deste estudo apontam para a necessidade de o instrumento escolhido seja aperfeiçoado em investigações futuras no sentido de melhorar a consistência interna. *Palavras-chave:* Auto-estima; avaliação psicológica; adaptação de testes.

Initial Study of the Self-Esteem Inventory (SEI) – Form A

Abstract

In this study the aims were to investigate the rates of reliability of the Self-Esteem Inventory (SEI) - Form A considering the variables gender and age, in the four dimensions studied by the Inventory. The study were 142 children and adolescents from ten to 18 years old from a public school. The results of the Self-Esteem Inventory (SEI) - Form A showed that the reliability had pointed satisfactory. The item-total correlation was submitted to the dimensions studied. With relation to the descriptive results of the study, these presented small differences between the variables researched. These results led to the discussion of the transcultural adaptation of assessment instruments and this study's conclusions point out the need for the chosen instrument to be improved in future investigations, towards improving the internal consistency. *Keywords:* Self-esteem; psychological assessment; test adaptation

Abordar cientificamente o tema auto-estima pode não parecer justificável, pois gera a sensação de que, de tão popularizada por livros de auto-ajuda, pelo senso comum e por ter se tornado uma palavra fácil na *psicologização* das relações humanas, não faz sentido tal empreitada. Porém, como sugere Mruck (1998), pode-se relacionar pelo menos cinco razões para justificar a necessidade de um enfoque científico para estudo da auto-estima: 1) é um construto muito mais complexo do que pode parecer, pois está fortemente associado com outros aspectos da personalidade; 2) está relacionada à saúde mental ou bem estar psicológico; 3) a sua carência se relaciona com certos fenômenos mentais negativos como depressão e suicídio;

auto-estima; 4) é um conceito complexo. Wells e Marwell (1976) constataram que a auto-estima surge como um dos indicadores de crescimento e progresso. A elevada relevância social obtida por Mruck (1998), “pesquisadores, têm adotado uma perspectiva sociológica para a compreensão do papel que desempenha no desenvolvimento social” (p. 10). Fenômenos contemporâneos como abuso de drogas, fracasso escolar e delinquência estão associados a este construto.

Alfred Adler e George Herber Mead, pode-se encontrar as reminiscências deste construto da personalidade.

Os autores aqui citados contribuíram com as suas idéias para a definição do construto auto-estima, tais como a forma como o indivíduo elege as suas metas, na visão de W. James, a aceitação de si mesmo em A. Adler, a importância do outro significante enfatizado por C. H. Cooley e G. H. Mead, e a autenticidade do eu em K. Rogers, que constituíram um pano de fundo ao que mais recentemente foi incorporado a este tema (Bednar & Peterson, 1995). Cada um destes autores contribuiu para a compreensão do conceito de si mesmo e para a definição da auto-estima como o aspecto valorativo e afetivo deste conceito.

A investigação de Rosenberg (1983) é bastante representativa na explicação das condições associadas com a melhora e com a diminuição da auto-estima. Coopersmith (1967), realizou amplo estudo sobre auto-estima intitulado “Os Antecedentes da Auto-Estima”. Este autor tem sido tradicionalmente citado em todos os trabalhos de revisão do construto e na maioria dos estudos empíricos relacionados ao tema (Andrew & Tracy, 1996; Baumrind, 1967; Bednar & Peterson, 1995; Bracken, 1996; Buss, 1995; Coll, Palacios & Marchesi, 1995; Friedman, Gettys & Rogers, 1975; Harter, 1993; Martins, 1997; Mruck, 1998; Nisbet, 1996; Powers, Singer & Sowers, 1996; Sanches, Jiménez & Merino, 1997; Souza, 1978; Wyllie, 1974).

Coopersmith (1967) estudou as condições e experiências concretas que fortalecem ou debilitam a auto-estima, empregando tradicionais métodos psicológicos, particularmente mediante a observação controlada. Considerou que as maiores relevâncias para o seu estudo são as indicações de que dominação de crianças, rejeição e punição severa resultam em auto-estima rebaixada. Sob tal condição, as crianças experimentam menos o amor e sucesso, e tendem a ficar geralmente submissas e passivas (embora mudando de comportamento, ocasionalmente, para o oposto extremo de agressão e dominação). Crianças

vêm como impotentes e inferiores ou de melhorar a situação, além de lhes f... internos para tolerar ou reduzir a ansied... despertada por eventos cotidianos e tens... o autor que estudos clínicos demonstr... que fracassos e outras condições que... insuficiências pessoais são, provavelmente... de ansiedade. Segundo ele, “ansiedade e... proximamente relacionadas: se for a a... ansiedade, como aparece teoricamente, é... que está sendo ameaçada” (p. 4).

Coopersmith (1967) refere-se, também, e indicam que:

“Uma pessoa com auto-estima alta mantém bastante constante das suas capacidades e da... pessoa, e que pessoas criativas têm alto g... Estas pessoas com auto-estima alta tã... probabilidade para assumir papéis ativos... efetivamente expressam as suas visões. M... por medos e ambivalências, aparentemente... diretivamente e realisticamente às suas me... Finalmente, a definição de auto-... citado é:

“... a avaliação que o indivíduo faz, e... mantém, em relação a si mesmo. Expres... aprovação ou desaprovação e indica o grau... se considera capaz, importante e valioso... estima é um juízo de valor que se expressa... que o indivíduo mantém em face de... experiência subjetiva que o indivíduo ex... relatos verbais e expressões públicas de... (Coopersmith, 1967, pp. 4-5).

Uma outra questão importante para... “quais são as características dos outros... alimentam positiva ou negativamente... (Bednar & Peterson, 1995). Para ava... Coopersmith (1967) dividiu as auto-avali... em quatro áreas de avaliações subjetivas: p... e si-mesmo ou eu geral. Dentro destas

instrução, localização geográfica, classe social, ocupação do pai ou mãe, ou presença constante da mãe em casa. Ele concluiu, a respeito disso, que não existem correlações significantes entre estes fatores. O que ele constatou como significativo para a formação do “eu” foi o relacionamento entre a criança e os adultos importantes de sua vida. Ele encontrou cinco condições que contribuem para melhorar a auto-estima da criança: a) experimentar uma total aceitação de seus pensamentos, sentimentos e valores pessoais; b) estar inserida num contexto com limites claramente definidos, desde que sejam justos e não opressores; c) os pais não usarem de autoritarismo e violência para controlar e manipular a criança, bem como não humilhar, nem a ridicularizar; d) os pais devem manter altos padrões e altas expectativas em termos de comportamentos e desempenhos da criança; e, e) os pais devem apresentar um alto nível de auto-estima, pois eles são exemplos vivos do que a criança precisa aprender. Baumrind (1967) estudou atitudes parentais e auto-estima e constatou características similares às que Coopersmith descreve, ou seja, a correlação entre auto-estima alta nas crianças e aceitação e respeito à individualidade por parte dos pais, dentro de uma postura de autoridade e firmeza.

Avaliação e Medidas em Auto-Estima

Azevedo, Almeida, Pasquali e Veiga (1996) referem-se às dificuldades freqüentemente enumeradas a propósito dos testes psicológicos, como maiores ou mais sentidas em países onde faltam instrumentos devidamente validados e padronizados. Segundo estes mesmos autores, apesar dos problemas enfrentados no Brasil, como “falta de recursos para pesquisa, poucos pesquisadores na área, menor investimento das escolas que formam psicólogos, pouca sensibilidade dos organismos de psicólogos para os problemas enunciados ou o fraco intercâmbio com colegas dentro e fora do Brasil com interesses na avaliação psicológica e outros” (p. 215), é observada uma fase de alta produção na área, devido aos laboratórios de

da Internacional Test Commission, e algumas para adaptação de instrumentos educacionais e psicológicos.

O uso do modelo de Brislin (1980) pelo método da “back-translation” pelo comitê acima mencionado, e que possibilita bons resultados, como demonstrou Guzzo (1999). O processo de tradução do instrumento da versão original que se destina a adaptação; b) a tradução por meio da primeira tradução; c) a tradução original devem ser, então, analisadas pelos tradutores; e d) uma análise estatística para estabelecer a validade da tradução não serem válidos, uma segunda tradução repetindo-se o processo para o instrumento.

A auto-estima e o auto-conceito são conceitos muito semelhantes e embora a sua utilização na Psicologia, notadamente na área da auto-estima, reconhecida, a literatura revela dificuldades na definição de instrumentos comumente utilizados. Os instrumentos estão articulados e, em outros casos, são instrumentos que avaliam o auto-conceito.

Relacionadas com os problemas de auto-estima estão as observações de que estas dificuldades em dois tipos de problemas consiste em problemas decorrentes da auto-estima como fenômeno; b) o problema da definição, o vínculo entre os outros aspectos relacionados com a auto-estima intrínsecas da auto-estima. As dificuldades tanto das expectativas psicológicas quanto a presença de uma grande diversidade de instrumentos usados para o estudo das dificuldades em relação à validade dos instrumentos.

Fatores que estão relacionados com a auto-estima instrumento para medir a auto-estima.

defensivas, comumente encontradas em auto-informes de auto-estima (Mruk, 1998).

Em recente pesquisa realizada por Guzzo, Gayotto, Messias e Silva (1998) constatou-se 2599 artigos com a palavra chave *self-concept* (auto-conceito); desses, 309 artigos falam também de *self-esteem* (auto-estima) no banco de dados do PsycLIT, entre 1991 a 1997. Nos artigos nos quais foram encontradas referências a estudos com auto-estima foram mais citados os seguintes instrumentos de medida: Tenesse Self-Concept Scale (TSCS) (Fitts, 1965), Self-Esteem Inventory Inventário de Auto-Estima (SEI) Forma-A (Coopersmith, 1989), Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHSCS) (Piers, 1984), Self-Description Questionnaire I (SDQ I) (March, 1988); Self-Description Questionnaire II (SDQ II) (March, 1990), Rosenberg Self-Esteem Scale (Rosenberg, 1979), Self-Esteem Index (Brow & Alexander, 1991), entre outros (Guzzo, Gayotto, Messias & Silva, 1998). No que respeita a revisão da literatura nacional, observam-se poucas referências à adaptação, para a realidade brasileira, de instrumentos que avaliem a auto-estima. Martins (1997) constatou que existem alguns instrumentos de origem norte-americana traduzidos e adaptados para a realidade brasileira: "How I see my self", de Ira Gordon (adaptada por Popovic, Esposito & Cruz, 1973) e Escala de Auto-Estima de Janis e Field (Martins, 1997).

Dentre os instrumentos utilizados para a avaliação da auto-estima está o "SEI-Self-Esteem Inventory (SEI) – Forma A", desenvolvido por Coopersmith (1989), que por apresentar boas qualidades psicométricas em estudos anteriores e por ser um dos mais citados na literatura, foi selecionado para que neste estudo seja adaptado à realidade brasileira. Possibilitando que, em estudos posteriores, possa ser realizada a sua validação.

Método

Participantes

idade/série é notada, pois 30 sujeitos (54,5%) estão com idade esperada para a série. Da mesma série, 19 sujeitos (54,5%) estão com idade ou muito superior para o esperado para a série, os sujeitos que apresentam distorção de 8 (28,6%) e na sétima série apenas quatro com idade inferior, e nenhum se encontra na oitava série.

Optou-se por aplicar o instrumento SEI em estudantes das séries citadas, com o objetivo de avaliar a idade dos sujeitos a partir dos dez anos de idade, segundo Coopersmith (1989) o instrumento SEI requer experiências suficientes e habilidades cognitivas abstratamente e fazer avaliações de suas próprias potencialidades. Com relação, ainda, à faixa etária contou com a seguinte divisão: 33 (23,2%) estão na faixa dos dez aos 11 anos e 11 meses, 19 encontram-se na faixa dos 12 aos 13 anos e 11 meses (19,7%) entre 14 e 15 anos e 11 meses, de 16 a 17 anos e 11 meses, e apenas 1 (0,7%), entre 18 e 19 anos e 11 meses. Pode-se notar que a maioria está entre a faixa de dez a 13 anos e 11 meses (72,5%).

Material

Para o presente estudo foram utilizados os seguintes instrumentos:

Self-Esteem Inventory (SEI)-Forma A, desenvolvido por Coopersmith (1989), utilizado com alunos. No presente trabalho será utilizado o Inventário de Auto-estima (SEI) - Forma A.

Folhas de Respostas do Inventário de Auto-estima (SEI) - Forma A e Escala de Avaliação de Auto-estima (BRF).

Os instrumentos citados foram traduzidos do inglês para adaptação transcultural e validação no Laboratório de Avaliação e Medidas Psicológicas.

Tais instrumentos foram originalmente desenvolvidos por Stanley Coopersmith (1967, 1989) e o Inventário com 50 itens. Foram, ainda, incluídos 10 itens de validação, desenvolvidos por

separadamente, ou seja, as respostas a estes itens nunca devem ser incluídas no Total Possível de Pontuação da auto-estima. Para pontuar estes itens, soma-se um ponto para cada item respondido com “tem a ver comigo”. As quatro dimensões podem ser pontuadas separadamente.

Em seu estudo Coopersmith (1967) ressalta que a forma final do Inventário foi administrada nas quintas e sextas séries ($N=87$), a meninos e meninas. A pontuação variou de 40 a 100, com média de 82,3 e ($dp=11,6$). A pontuação média para os homens foi 81,3 ($dp=12,2$). Para as mulheres foi 83,3 ($dp=16,7$). A diferença entre a pontuação média de meninos e meninas não foi significativa. A distribuição foi inclinada em direção à alta auto-estima.

A Folha de Resposta do Inventário de Auto-estima (SEI) – Forma A, apresenta campo destinado à coleta de dados para caracterização dos sujeitos, com perguntas sobre: identificação, sexo, data de nascimento, escola, série que frequenta e nível de escolaridade dos pais.

Procedimento

As aplicações aos alunos do Inventário de Auto-estima (SEI)-Forma A foram realizadas coletivamente. Em todos os momentos de coleta de dados o caráter sigiloso do procedimento foi claramente mencionado. A diretora da

escola prontificou-se em informar sobre a realização da pesquisa com os docentes.

Resultados

O índice de precisão do Inventário de Auto-estima (SEI) Forma A ($N=142$) obtido nas dimensões estudadas pelo Inventário não são satisfatórios (“eu geral” = 38; “família” = 38; “escola” = 38). Para visualizar o resultado da análise de confiabilidade (rit), com o alpha de Cronbach, foram calculados os mesmos índices no Inventário de Auto-estima estudados pelo Inventário (“eu geral” = 38; “grupo social” = 38; “família” = 38; “escola” = 38), distribuídos em quatro intervalos: com rit < 0,20; itens com 0,20 < rit < 0,30; 0,30 < rit < 0,40 e itens com rit > 0,40.

Para a análise dos resultados foram calculados os mesmos índices nos sujeitos, relativamente à variável de estudo, considerada a somatória dos itens de cada dimensão. Na Tabela 2 pode-se observar a distribuição da auto-estima em função dos quartis. O primeiro quartil refere-se à pontuação até 60 (auto-estima média baixa); o segundo quartil refere-se à pontuação entre 60 e 70 (auto-estima média); o terceiro quartil refere-se à pontuação entre 70 e 80 (auto-estima alta); e o quarto quartil refere-se à pontuação acima de 80 (auto-estima muito alta).

Tabela 1. Índice a de cada Dimensão e Frequência dos Ítems com Índice de Correlação Item-Total no Inventário de Auto-Estima (SEI) - Forma A, Agrupados em Quatro Intervalos

Dimensões	ítems	a	Frequência da correlação item-total		
			< 0,20	0,20 a 0,30	0,30 a 0,40
			F	F	F
Eu Geral	26	0,65	12	7	4
Grupo Social	8	0,27	6	1	1
Família	8	0,38	3	1	2
Escola	8	0,34	7	1	0

71 a 78 (auto-estima média alta) e o quarto quartil refere-se à pontuação de 79 a 100 (auto-estima alta).

Considerando, portanto, todos os sujeitos avaliados pelo SEI ($N=142$) foi constatado que o quartil com a maior frequência foi o referente à auto-estima baixa com 40 (28%) sujeitos, sendo 21 (52%) do sexo masculino e 19 (48%) do sexo feminino. Vê-se que na amostra de sujeitos do sexo masculino houve uma discreta predominância de alunos ($n=21$ ou 27%) no quartil auto-estima baixa. Quanto

(58) e mais alta para os do sexo feminino (61). Quanto à “família”, a pontuação foi mais alta para os masculinos (59) do que para os sujeitos femininos (52) em relação ao efeito da diferença de médias entre os sexos, o nível de significância obtido foi: $t=0,738$, $gl=139$, $p=0,462$.

Quando considerada a variável idade, verificou-se que na faixa etária de 13 a 15 anos os sujeitos obtiveram pontuação mais elevada em todas as dimensões

Tabela 3. Pontuação dos Participantes por Faixa Etária

Quartis	Idade (anos)								f total	
	10 a 12		%	13 a 15		%	16 a 18			%
Alta (79 a 100)	14	20	47	14	22	47	2	18	7	30
Média Alta (71 a 78)	17	25	50	15	24	44	2	18	6	34
Média Baixa (61 a 70)	13	19	26	23	36	52	2	18	5	38
Baixa (até 60)	24	35	60	11	17	27	5	45	12	40
Total por idade		68			63			11		142

Tabela 4. Pontuação Média por Dimensão do (SEI)- Forma A ($N=142$)

Dimensões	m	dp	Mínimo	Máximo
Família	0,57	0,19	0,13	0,88
Escola	0,60	0,19	0,13	1
Grupo social	0,74	0,17	0,25	1
Eu geral	0,72	0,14	0,35	1

aos sujeitos do sexo feminino, houve discreta predominância no quartil auto-estima baixa com 19 (29%).

A tabela 3 apresenta a pontuação geral dos sujeitos por faixa etária. Pode-se verificar no quartil auto-estima baixa que dos 40 (28%) sujeitos agrupados neste quartil, 24 (60%) estavam na faixa etária de dez a 12 anos. Do total de sujeitos com auto-estima média baixa 23 (52%) estavam na faixa de 13 a 15 anos. Entre os que apresentaram auto-estima média alta, 25 (52%) estavam na faixa de 13 a 15 anos, 14 (26%) na faixa de 16 a 18 anos e 13 (24%) na faixa de 10 a 12 anos.

social” (78), “eu geral” (74), “escola” (61). Situaram-se abaixo destas as faixas etárias de 10 a 12 anos [“grupo social” (72), “eu geral” (70), “escola” (57)] e de 16 a 18 anos [“grupo social” (52), “família” (52) e “escola” (48)].

Com relação à precisão do Inventário de Auto-Estima (SEI)-Forma A, é importante salientar que tais resultados devem ser analisados sob a perspectiva de um estudo inicial com dito instrumento. Os resultados obtidos apontam índices de precisão considerados razoáveis. Todavia, quando observados os resultados da correlação item-total, foram constatados itens indicando baixa consistência interna. Estas devem ser as principais preocupações nos estudos subseqüentes. Isto é, convém considerar a possibilidade de uma melhor adaptação transcultural do instrumento, e até a supressão de itens que revelem baixa consistência interna, e que não estejam medindo o que o inventário se propõe a medir.

Comparativamente, o resultado relativo à precisão do SEI Geral obtido no presente estudo não é equivalente ao resultado apresentado por Coopersmith (1967), que, em seu estudo inicial, obteve um índice de precisão de 0,88. Neste estudo o autor utilizou o método de teste-reteste para uma amostra de 50 crianças (com cinco semanas de intervalo) e em outra amostra de 56 crianças (com três anos de intervalo) obteve o índice de 0,70.

Com respeito à precisão, em função das quatro dimensões estudadas pelo instrumento, é digna de nota a pesquisa de Donaldson (Coopersmith, 1989). Este estudo valeu-se de uma amostra de 643 crianças de escola pública norte-americana de terceira à oitava série, de diferentes níveis sócio-econômicos, e a correlação encontrada entre as dimensões estudadas pelo SEI foi de 0,02 a 0,52.

Outra investigação sobre a consistência interna do Inventário de Auto-Estima (SEI)-Forma A, realizada por Kimball (Coopersmith, 1989), que aplicou o instrumento em 7600 crianças de escolas públicas norte-americanas, incluindo todas as classes sócio-econômicas e grupos étnicos diversos, resultou em índices de precisão entre 0,87 e 0,92.

Com respeito à pontuação (SEI Geral) dos sujeitos, verificou-se maior incidência de sujeitos no quartil Auto-Estima Baixa. Quanto ao gênero, os sujeitos do sexo masculino e feminino se distribuíram com maior frequência

não foram significativas. Todos os sujeitos observaram diferenças entre o resultado do Inventário de Auto-Estima (SEI) e o resultado do Inventário de Auto-Estima (SEI) acima do padrão do inventário de Auto-Estima (Coopersmith, 1989) constatou diferenças nas médias de estudo encontradas no seu estudo, com o SEI-Forma A. Por outro lado, Coopersmith (1978) constataram que sujeitos com idade entre 10 e 15 anos (N=175) apresentaram maior pontuação relativa à "grupo social" e menor pontuação relativa à "avaliação da auto-estima". Coopersmith (1989) constataram que meninas na quarta série, com idade entre 9 e 10 anos, obtiveram maiores pontos em SEI-Forma A. Para experimentar mais sucesso acadêmico, Coopersmith (1989) constataram que meninas obtiveram maiores pontos em SEI-Forma A. Para Mruk (1998), é consenso que a auto-estima influencia em certo grau sobre a auto-estima, se produz numa direção razoável. Em termos de estrutura geral, as medidas de auto-estima parecem inclinar-se para os conceitos de auto-estima (serem valorizadas) ou rejeição e os homens tendem a ter maior pontuação na dimensão de competência (ênfase na competência).

Ainda considerando-se os resultados dos estudos com estudantes mais novos a auto-estima predominante no quartil auto-estima Baixa com idades intermediárias a auto-estima predominante no quartil auto-estima Baixa. Os sujeitos se concentraram no quartil auto-estima Baixa, contrariando o que é habitualmente observado, que refere auto-estima mais alta. Os resultados podem ser atribuídas ao acaso ou a uma tendência não ter discriminado com precisão.

Com relação à precisão do SEI-Forma A, os resultados foram considerados razoáveis. Ao analisar os resultados através da correlação item-total, foram constatados itens indicando baixa consistência interna.

Para futuras investigações sugerem-se novas análises dos itens do Inventário que revelaram problemas, suprimindo aqueles que, por ventura, não sejam representativos na avaliação da auto-estima na realidade brasileira. O aperfeiçoamento deste instrumento ou a construção de um novo instrumento baseado neste estudo, que seja adequado à população brasileira, contribuirá para o progresso do estudo e avaliação da auto-estima, bem como para a prática profissional dos psicólogos.

Referências

- Almeida, L. S., Prieto, G., Muñoz, J. & Bartran, P. (1998). O uso dos testes em Portugal, Espanha e Países Ibero-Americanos. *Psychological*, 20, 27-40.
- Azevedo, M. M., Almeida, L. S., Pasquali, L. & Veiga, H. M. S. (1996). Utilização dos testes psicológicos no Brasil: Dados de estudo preliminar em Brasília. Em L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado & M. R. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. IV, pp. 213-219). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Andrew, C. & Tracy, N. (1996). First steps toward competence: promoting self-esteem and confidence in young children with disabilities. Em L. E. Powers, G. H. S. Singer & J. Sowers (Orgs.), *On the road to autonomy: promoting self-competence in children and youth disabilities* (pp. 373 - 387). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Bartram, D. (1999). *International guidelines for the development of test-user performance standards. Version 4. 1: Second Consultation Draft* (http://cwis.keub.nl/~fsw_1/ite/itefram4.htm). Recuperado em 27/01/1999.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Bednar, R. L. & Peterson S. R. (1995). *Self-esteem: Paradoxes and innovations in clinical theory and practice*. Washington, American Psychological Association.
- Bracken, B. A. (1996). *Handbook of self-concept: Developmental, social, and clinical considerations*. New York: Wiley.
- Brown, L., & Alexander, J. (1991). *Self-Esteem Index*. Austin, TX: Pro-Ed.
- Buss, A. H. (1995). *Personality, social behavior and the self*. Massachusets: Allyn & Bacon.
- Coll, C., Palacios, J. & Marchesi, A. (1995). *Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coopersmith, S. (1967). *The antecedents of self-esteem*. San Francisco: Freeman
- Coopersmith, S. (1989). *Coopersmith Self-Esteem Inventory*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Cowan, R., Altmann, H. & Pysh, F. (1978). A validity study of selected self-concept instruments. *Measurement and Evaluation in Guidance*, 10, 211-221
- Guzzo, R. S. L. (1999). *T-CRS Adaptation Process* for... Manuscrito não publicado. Department of Psychology, University of Rochester, Rochester
- Guzzo, R. S. L., Gayotto, A. C. G., Messias, T. S. C. Auto-estima, autoconceito e desenvolvimento. *Anais IV Encontro de Iniciação Científica*. Campinas
- Hambleton, R. K. (1994). Guidelines for adapting educational tests: A progress report. *European Journal of Psychological Tests*, 10, 229-244.
- Harter, S. (1993). Causes and consequences of low self-esteem in children and adolescents. Em L. E. Powers, G. H. S. Singer & J. Sowers (Orgs.), *On the road to autonomy: Promoting self-competence in children and youth disabilities* (pp. 165-169). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Marsh, H. W. (1988). *Self-Description Questionnaire, I*. Psychological Corporation.
- Marsh, H. W. (1990). *Self-Description Questionnaire, II*. Psychological Corporation.
- Martins, S. R. S. (1997). *Auto-conceito em crianças repetidamente avaliadas: procedimentos de avaliação*. Dissertação de Mestrado de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Mruck, C. (1998). *Auto-estima: Investigación, teoría y práctica*. de Brouwer.
- Nisbet, J. (1996). The interrelationship of education and self-esteem. Em L. E. Powers, G. H. S. Singer & J. Sowers (Orgs.), *Promoting self-competence in children and youth disabilities* (pp. 165-169). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Piers, E. V. (1984). *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale*. Los Angeles, CA: Western Psychological Services.
- Poppovic, A., Esposito, Y. L. & Cruz, L. M. C. (1997). *Auto-estima: Uma metodologia para o seu estado. Cadernos de Psicologia da PUC*, XVI, 201-221.
- Powers, L. E., Singer, G. H. S. & Sowers, J. (1996). *On the road to autonomy: Promoting self-competence in children and youth disabilities* (pp. 3-24). Baltimore: Paul H. Brookes.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Basic Books.
- Rosenberg, M. (1983). *La auto-estima del adolescente*. Buenos Aires: Paidós.
- Sanches, G., Jiménez, F. Y. & Merino, V. (1997). Auto-estima en adolescentes: Una reflexión para la orientación. *Revista de Psicología de la PUC*, XVI, 201-221.
- Souza, Y. C. (1978). *Auto-imagens de adolescentes de presépio: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado não publicada. Psicologia da Universidade de São Paulo, SP.
- Wells, E. L. & Marwell, G. (1976). *Self-esteem: Its conceptualization and measurement*. California: Sage.
- Wyllie, R. C. (1974). *The self-concept: A review of methods and measuring instruments*. Lincoln: University of Nebraska Press.